

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 12 n.ºs	Semest. 6 n.ºs	Trim. 3 n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1251	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte.	3\$500	1\$500	440	120	30 de Setembro de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe e dirigidos à administração da Imprensa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	440	120		
Estrangeiro e India	5\$000	2\$500	440	120		



A CARAVELA DE PRATA OFERECIDA PELOS MONARQUICOS PORTUGUESES AO SR. D. MANUEL DE BRAGANÇA
(Obra executada nos ateliers dos srs. Leitão & Irmão, de Lisboa)

CRONICA OCCIDENTAL

Por varios momentos, sob pretextos varios, nós temos apontado á atenco dos incautos o perigo sempre continuo e crescente da emigrao. Todas as consideraoes que neste mesmo lugar fizemos, re-tm ainda actualidade e interesse.

O nosso bom proposito, nem sempre com justia interpretado, era — incitar a um estudo srio das causas complexas e diversas desse perigo, o esforo dos bem-intencionados e desejosos de bem servir a Patria. Entanto, reconhecemos que é de certo melindre, no momento presente, em determinados meios-sociaes, uma referencia mais carinhosa á Patria como objecto dos nossos estremecidos desvelos. Sobre as mais ingenuas e desprevenidas palavras, os equívocos borbulham e as intencoes divergem.

Andai de pesquisa por entre os varios e multiplos e pequeninos grupos politicos ou tendenciosos em que a vida nacional se desperdia, e claramente vereis que a concepo patriótica não é sempre a mesma, nem sempre digna. Para uns, a Patria circumscreve-se á caixa craneica de certo superhomunculo castrado ou ao ambito das secretarias onde solenemente bocejam para maior desafoego da vida economica do pais; para outros, é uma tertulia ou companhia politica de irresponsabilidade ilimitada. Assim, são sempre necessarios circumspeco e certo tacto diplomatico a quem, indifferente ao bulicio das ruas e dos clubs, deseja entrar em sua casa, sem agoiros nem falsas preoccupaoes, serenamente, com o pé direito.

Isto — quanto a politica referendada pelas autoridades legais do sitio.

Doutro modo, ainda a palavra — Patria — assume mais peregrinas acepoes, que se entrevem nas entrelinhas, meios-ditos e reticencias da discusso quotidiana.

Um episodio quasi-anedoctico, mas absolutamente verdadeiro, pode sublinhar o que deixamos dito, sem comentarios.

Em digresso pela provincia fronteiria, tivemos occasio divertida de transpr o portal dum salo de frouxa luz e ponderosa gravidade. Falava-se com acerbidao da carestia da vida. Um filho-familia, espadaudo e nostalgico, disse, num desespero:

— Se isto assim continúa, temos de despedir os caseiros e irmo-nos de enxada ao hombro por esses barrancos...

— E' certo! As novidades perderam-se quasi todas...

— Pois sim! Mas devemos concordar em que estas ultimas chuvas fizeram muito bem ás nossas vindimas...

— E' certo! — repetiu o proprietario que era um alentado beirão de vasta calva e cabelinho na venta. — E' certo! Mas olha como a azeitona é rara. Teremos um inverno pessimo.

— Ai — murmurou docemente uma gentil quarentona, casada, ha pouco, mas, pelo visto, já infeliz — ai Nosso-Senhor abandonou-nos...

— Tens razo, filha, — proferiu com entono a av. — Tens razo. Nosso-Senhor abandonou-nos, e a todos de muitas leguas em redr. A malfadada politica indisponos com Deus. Bem dizia a D. Isabel do Felismino. Bem dizia ela — que Deus te-

nha em guarda e proteco! — que isto iria de mal a peor. Até um dia — quem sabe? Olha, muitas vezes me disse ela que esse cruzeiro que está no monte, foi erguido pelos espanhoes. Desde ento, os portuges são desgraados e serão ainda mais, té que os espanhoes venham outra vez e derrubem o cruzeiro que eles construíram.

E com surpresa e tristeza notamos que era, sem gesto indignado, mas com sorriso de satisfao que essa gentinha acolhia a apostrophe-profecia da caquetica-senhora que no momento era lidima e genuina representante dum nosso meio-social altamente conhecido.

Em Portugal, tambem, de todos os cantos, pululam, como cogumelos venenosos, teoistas de revolucionarismo avanadissimo. São os visionarios da Cidade-Futura que, enfim, pelo decurso dos tempos, modifica estranhamente os projetos da sua topografia. Para esses — a Patria é a defeza comoda duma minoria de exploradores sfregos e imbecis. Arrazem-se as fronteiras! — tal é o grito. De todos os declamadores do nosso malaventurado seculo, são estes os mais sinceros e, por isso mesmo, mais mal pagos.

Entanto, entre eles, alguns, de cerebro menos esturrinhado, ou estomago menos repulsante, conseguem comer, até á repleco, á sombra da arvore social que eles amaldioam. Tenhamos em vista, o honrado Bebel, ha pouco falecido e para sempre lastimado, que soube, para beneficio seu e de seus herdeiros, impr contribuioes e cobrar impostos, á conta da pacifica e equalitaria Cidade Futura.

A' medida que o seu peculio crescia, a sombra que projectava sobre o seu espirito, consolava-o da horrivel torreira de sol a que houvera sido exposto e tratava de defender o seu logar *com garras e dentes*.

A sua inteligencia ia-se tornando eminentemente conservadora.

Isto é — o seu antigo radicalismo florira e frutificara...

E, assim, outros e mais.

Em Portugal, os revolucionarios não devem temer estas graduadas e engenhosissimas apostasias.

Por fatalidade de circunstancias, são quasi impossiveis e portanto invulgarissimas.

• •

«De resto, as nossas colonias são brutalmente administradas, o nosso capital estupidamente utilizado — ou immobilizado — e a nossa emigrao dos ultimos anos cresce e cresce, esbrejante, faminta, de mãos erguidas e olhos de terrr, ilusionados num sonho fementido de Alem-Mar.»

«Vastissimos terrenos, no continente, quedam se incultos e maninhos. Dificuldade de transportes. Caminhos invios. Ausencia de portos de abrigo.»

«E braços famulentos erguem se na febre doida de aventuras por longes e extranhas terras, na ancia irresistivel da expatriaco.»

ANTONIO COBEIRA.



Os homens de prompta aco e reflectida pratica seno prosperam, ganham a tranquillidade dos negocios feitos e concluidos.

A Caravela de prata
oferecida pelos monarchicos portuges
ao sr. D. Manuel de Bragana

Para oferecer, como prenda de noivado, ao sr. D. Manuel de Bragana, encomendou uma comisso de monarchicos portuges, aos srs. Leito & Irmo, de Lisboa, uma caravela de prata, que resultou a obra mais notavel da ourivesaria portugesa da nossa epoca, e dos *ateliers* desses acreditados joalheiros, que tantos trabalhos primorosos tem produzido.

E', em verdade, uma obra de arte de que só se póde fazer perfeita ideia vendo o original, pois pela reproduo grafica não se dá o efeito deslumbrante do colorido e brilho das pedras preciosas que profusamente se engastam nos seus motivos decorativos formando uma policromia fascinadora.

Tentemos descrever esta peça de ourivesaria, já que não nos é possivel apresental-a a nossos leitores com todo o aspto surpreendente da sua variada pedraria que percorre toda a gama das cores.

A caravela, para o desenho da qual foram consultados documentos do seculo xvi, é de rara elegancia na sua fórma geral e de requintado bom gosto nos seus motivos decorativos, com aquela sobriedade que a arte prescreve, aliando ao mesmo tempo a riqueza, que joia tão valiosa não dispensa.

Ergue-se a delicada nau como que navegando em mar soprado pela brisa e donde emergem golfinhos fazendo-lhe cortejo. Este mar é cingido por uma grossa corda de prata tendo, a espaos, boias enfiadas e num fantasioso entrelacado de cordoame que recorda o que se vê no famoso convento de Cristo, em Tomar; agora se fórma a moldura, em vertical, feita de quadrados, decorados, alternadamente, com as cruces da Ordem de Cristo, e escudos das quinas, esmaltados nas cores proprias e tudo ligado por braadeiras de pedras duras como jades, agatas, aventurinadas, malaquites e jaspes orientaes todos de variadas cores; de um lado destaca-se o escudo das armas reais esmaltado nas proprias cores; do outro o brao dos Hohenzollern, de ouro e prata, cada um encimado por uma cora aberta cravejada de safiras, esmeraldas e cabuches. Esta peça é sustentada por quatro lees estendidos.

E' sobre esta peça que a caravela assenta elevando seu airoso casco, engrinaldado em festa, desenvolvendo-se em lindos rendilhados manuelinos que vem formar circulos de um e outro lado, sobre que se destacam esferas armilares, e contornando duas placas de agata branca que fazem fundo ás duas joias, que constituem o motivo principal desta decoraco: de um lado uma ancora de esmeraldas enlaada de uma fita de brilhantes com a palavra — *Lisboa*, em esmeraldas calibradas; do outro lado uma flamula de brilhantes com as quinas de safiras. Envolve estas joias circulos de grandes brilhantes, cravados em platina, de modo que pódem servir como broches, como pendentes ou como prisoes de segurar nos hombros um manto.

No alteroso e lindo castelo da pópa, ergue-se acima de tudo um elegante lampeo-farol, de ouro, delicadamente arrendado nas suas seis faces, onde se alternam o escudo das quinas e as cruces das tres ordens portugesas, esmaltadas em transparente, como vitraes da idade média e de um lindo efeito colorido, que fazem deste acessorio da caravela uma delicada e encantadora joia.

O castelo de pra não é menos elegante, pois como no de pópa, o artista deu largas á sua fantasia, seguindo o exemplo dos desenhadores quinhentistas, que imaginavam porticos, arcadas e vigias architectonicas.

Nos tres mastros com todo o cordoame e vergas da armao de prata, vêem se as velas enfiadas e nos topes as bandeiras brancas da epoca. No mastro grande o pavilho real com a cruz de Cristo e flamula com as quinas tudo esmaltado. Estas peças pódem servir de broches; as vélas, feitas de um só bloco de agata translucida, tem ao centro a cruz de Cristo, formada de granadas calibradas.

A base sobre que assenta toda esta maravilhosa obra de arte, contrasta com ella pela simplicidade, como devia ser, para melhor sobressair a obra principal. Assim, é formada por um poligono á leio da peça que suporta, cortado em angulos vivos e apenas decorada por placas de lazuli e por um delicado desenho copiado de azulejos do Pao de Cintra.

A altura total desta formosa peça mede cerca de 90 centímetros, tendo sido feita em menos de um ano e importando nuns quatorze mil escudos.

O interior do casco da caravela forma um cofre que se abre levantando o convez com os castelos de prôa e pôpa que assim lhe fazem tampa. A dentro deste cofre guardam-se dois lindíssimos guardanapos de renda de Peniche sobre motivos decorativos de azulejos do Paço de Cintra, com o dragão, esfera armilar, escudo das quinas e braços. As argolas em que se enfiam são dois anéis: um de brilhante em forma de coração cercado de esmeraldas, para a noiva; o outro também de brilhante com duas safiras quadradas, para o noivo. Sobre estes guardanapos descansam dois talheres de cabos de agata e ouro com anilhas de rubis e escudos esmaltados.

Esta famosa obra de arte, guarda-se em um contador feito como os do século XVI, com toda a fecharia de prata cinzelada tudo em estilo manuelino. É forrado interiormente de veludo branco, tendo o tampo, de pau santo, guarnecido interiormente por decoração de cordoame de prata, assim como a esfera armilar e os braços dos noivos. Sob um vidro emoldurado vê-se uma linda aguarela de Alves de Sá representando a janela do convento de Cristo, em Tomar.



Severo Portela

Emoldurar um retrato em colorações garridas e luminosas de sedições tintas litterarias, á guisa de baldaquino de santo guarnecido de luzes em noite de festa d'aldeia, passou de tal maneira ao dominio da vulgaridade e futilidade que, não ha cão nem gato que não tenha visto a vera-effigie estampada n'algumas publicações e circundada de duas phrases feitas enaltecendo os phantasticos predicados e mais partes que exornam o cavalheiro... homenageado.

Banalissimo!

E, á força de trivial, tóca as raias do ridiculo.

E, assim ridiculo, passa ao indifferentismo.

A mór parte das vezes olha-se a figura, lê-se o nome e... segue-se adeante.

A louvaminha, em regra, é a que mil vezes tem sido reeditada em honra d'outros *varões illustres* que exercem o mesmo *métier*.

De maneira que por esses jornaes e jornalecos, revistas e revistellas, *flucte* e almanaches, a toda a hora apparece a photographura de qualquer celebrado anonymo, que ninguem conhece por mais que remiremos e esmoamos a pseudo-biographia do sympathico proprietario da cara apresentada ao respeitavel publico, numa impavida e atrevida pose que é a gloria dos seus progenitores e o melhor reclamo ao talento do... photographo.

Por isso, as poucas vezes que espontaneamente, ou a pedido, a nossa penna, em impulsos de justiça e estima, se tem obrigado a traçar a noticia d'uma obra ou d'um passado, grande constrangimento nos

tóma o espirito e não é sem difficuldade que levamos a cabo a terefe.

As caducas formolas litterarias obrigando a chamar *brioso* ao militar, *acreditado* ao negociante, *honorado* ao capitalista, *inspirado* e *mavioso* ao poeta, *vigoroso* ao jornalista, *illustre* ao depotado, *brilhante* ao escriptor, *zeloso* ao funcionario, *sabio* ao estadista, *grande* ao artista, *consciencioso* ao medico, *habil* ao operador, *inconfundivel* a quasi todos, essas formolas, diziamos, de tal maneira se repetem, tantas

mas podendo affirmar que ninguem o diria com mais lhanza e verdade.

Severo Portela, temperamento delicado de escriptor, fundamentalmente estylista elegante e vivo, soube triumphar em todas as suas publicações, sendo a sua obra tão igual e homogenia, invulgar e original, que excepcionalmente confirma a sentenciosa e errada phrase de Buffon proferida na Academia—*le style est l'homme même*.

E, todavia, se *A cruz de Anthero*, *Terra do Exilio*, *Os condemnados*, *Bocças do Mundo*, *Ação mental da democracia*, *A nossa casa*, e *Celebração da Sementeira*, firmam inilludivelmente, d'uma maneira irrefutavel, a individualidade litteraria superior, sufficiente — mais que n'outro país que não fôra o nosso, para o glorificarem, dando também condições e circumstancias de seguir carreira que o enriquecesse, a sua cultura, sem artificios nem onsenices, é bem maior do que se infere d'aquellas coloridas paginas que se leem e meditam e ficam.

No seu intelligente amor pelo bello e carinhoso culto pelo passado, embebendo-se num deleite espirital quasi relegiosidade, contempla tapetes em farrapos, pregaminhos amarelentos, labores safados, moedas sem cunho, bronzes toscos, pedras informes, lapides delidas, corôas, mitras, barretinas e elmos, trajes, aras, quadros defumados... tudo que cae sob a sua penetrante vista d'amoroso observador e que a grande maioria dos cultos olha com o desdem com que repára nas pedras das calçadas ou nas folhas mortas cahidas pelos caminhos.

Do Funchal, agora, me mandou elle pedir, como uma creança pede brinquedos, um dos antiquissimos trajes dos villões,

que viu por acaso num postal, e um anel jodaico!

D'est'arte se explica a paixão de Severo Portela pelas lendas, presagios, datas, dogmas, ritos, gerarchias, festas, costumes, heroismos, martyrios, crendices, abusões, cantigas, adajios, tudo, enfim, que lhe possa imprimir no cerebro, num reviver de saudade, a illuminar-lhe o espirito, o diffuso e conjugado brilho que irradia do passado e do presente e já illumina também prolixamente a clarões a infinita estrada que a Sciencia tem deante e onde deslisa velozmente para jamais parar.

Porque assim é, todas as fibras sensiveis do meu espirito se desatam ao ler e ouvir as claras, coloridas e por vezes plangentes expressões e irudições litterarias de Severo Portela, que não se esquecem, nem se apagam: ficam a illuminar.



SEVERO PORTELA

vezes as lemos e ouvimos, que fugir a ellas é quasi um impossivel. E outras não dizem nem significam bem, bem, o que o grande publico quer...

D'ahi o sentirmos o apáro embotado e não nos affluir ao cerebro um pensamento ou idéa que não tenha a exteriorisa-los o modelo commum baseado n'aquella formulação cançada e irreductivel!

Mas...

Mas hoje, ao ter de escrever de Severo Portela, numa acquiescencia que á nossa alma é gratissima, sentimos a caneta correr estugada pelos mil objectivos que se nos deparam e cá dentro fervilham. E, talvez, sem emerrar nos barrancos que a cada passo a reminiscencia e o habito nos lançam na frenté, chegaremos ao fim, dizendo pouco do excellento litterato, que sob multiplos aspectos pôde ser apreciado,

E' que os raios do talento, como disse Camillo, não são como os do céu que vão direitos aos durísimos brilhantes e os pulverizam: aquelles formam a essencia da luz animica e dos corações, fulgurando com maior intensidade do que as mais accésas pedrarias incendiadas pelo sól.

JULIO RIBEIRO.



EXCERPTO INÉDITO (1)

«Quo audito Herodes ait: Quem ego decolavi Joannem, hic a mortuis resurrexit.»

Ev. Sec. Marcum. (Cap. VI).

A Sitarama Quercar

SALOMÉ

Na apoteose gloriosa do poente, ibis e cegonhas, rôlos e pombos bravos, voadando em parabola, acudiam a poisar na balastrada alabastrina da cidadela. O ar rescendia do ôlor sávido das mandrágoras, a caudal do Jordão, despeñando-se no Mar-Morto, era sangue espadanando, sobre Jerichó, as frondes tersas das palmeiras, estremeciam como flamulas de guerra, a caminho de Kulfrain choutavam dromedarios, ofegantes, á testada das caravanas sedentas e envoltas em poeira avermelhada.

Salomé, vestida no sari lacteo, ao alto do varandim palido, sob o velarium de purpura, delirava, aguardando a assumção da lua de prata que ia nascer num bosque de eloëndros, como um gira-sol prodigioso. Na soledade taciturna do parque, os repuchos écoavam cantares de Salomão, na boneira, a quadra férvida do cio arrancava gemidos profundos, uma aranha colossal ia tecendo, lenta, a sua teia de platina, entre dois cédro, esguios como vergas de navio.

Salomé delirava... Molesta lhe era a hora inquieta em que os sápos ávidos de humidade emergem á guela dos aqueductos aluidos, e uma infusão hilariante de perfumes redolentes é maré alta a extasiar os sentidos. Delirava Salomé sob o velarium tincto, no varandim de alabastro, persentindo a lua, e seus olhos verdes fitavam extacticos o parque, hiperbole de sombra a esmanchar-se na aragem túrbida, mirra, olíbano, aloés, ao sonoro ritmo das aguas langorosas. Ia nascer a lua argentea — e prodigiosas cachoeiras de flligrana se soltariam do dorso das montanhas de Móab, onde, como carbunculos, vicejam anémonas, e, onde, como opalas, florescem jacintos. Avistar-se-ia, magnífico, todo o Lago, de lapis-lazuli, as barcaças recurvas encahadas na enseada de Engadi, os ilhotas ruivos onde estrepitam as marés vivas do mês de Nizan, o areal onde, aos ventos austros os pescadores da Samária enchugam as rédes de esparto, Saron coroada de rosas, Damasco a virente de lírios, as termas, os bosques, os aqueductos. Por um momento renasceria, na hipnose lunar, o estridôr das horas claras, um dia magico, e, então, ah! da princeza enferma, aspirando o lotus d'oiro, que como uma serpente insinuante lhe ascendia do sari entreaberto no

seio palido, até á barbela fulvida, afaçando a numa caricia dolorosa como uma mordedura, agaçante como um cardo a roçar uma chaga. Ah! a vertigem vermelha dessa hora em que o amor, possuindo Salomé, a desvaira, a enlouquece e a ensanguenta, febre que nada acalma, seja o brilho das estrelas que, como fogachos, no desfiladeiro de Cédron, entram de acênder-se no espaço azul, seja o murmuro das harpas que por si mesmo plangem, que por si mesmo se espedaçam, almas inquietas, doridas de saudade. Afilada e exangue, palmeirinha nova a quem a séca estiola, seus olhos vitreos são como dois nenufares na toalha esmeraldina duma reprêsa profunda. Salomé ignora o que é o amor, e o amor a devora como o estio ás sarças de Horeb; Salomé não provou ainda o sabôr dos beijos e, todavia, á sua volta, arrulham as rôlas que descem do Carmelo. De paragens luminosas, de Jerusalem, a sempre noiva, de Tiro a soberba, de Sidonia, a toda refulgente, principes adulescentes sobreveem, hasteando nos lábaros a cegonha trifaucies, emblematica de nupcias, mas pomba inviolada, recondita no Templo, entre a vida candida perenemente viçosa, e o escoadoiro de bronze por onde gorgoleja escumante o sangue das rezes imoladas, ela se define e mirra ao sol da pureza, alheia e triste, côrça solitaria que engeita afagos. Secretos anceios como doceis pagens, no entanto, lhe entumecem as veias azues das suas fronteas altas onde os aneis de cabelo são como cachos maduros de tamarindos; o desejo cordeirinho de olhos vendados, lhe é como manilha que já-mais se lhe abre do pulso; e os beijos que, proximo d'ela como crotálos percutem, enxame loiro d'abelhas que á procura do mel dos lírios lhe pruem o ventre de marfim, são como uma canção do mar distante, a que seria bom dormir, sonhar e morrer. Dir-se-á que o seu corpo harmonioso, airoso, longo, languido, enamorado da propria beleza, tem pejo de dar-se, e em si mesmo esconde o requinte de volupia que o descança, por noite solitaria, quando já os côrvos de rapina crucitam nas muralhas da cidadela farejando os cadaveres dos escravos, e os beduinos, roídos de lepra, atravessam o Mar para Carphabaruca, a aprovisionarem os fartos alforges da recovagem... Salomé, desfeitas as prégas do sari lacteo, desce então á esplanada, e d'olhos maguados, pisar dolente, derredor exalando o ambiente infausto das vòdas estereis é, pobre noiva de repudio, a alma de Hermes e Afrodite, uivando no deserto da demencia, flagelada de luxuria e, sem saber, horror! como fugir-lhe...

Tinha nascido a lua como um girasol maravilhoso, florindo num bosque de eloëndros. Os centuriões, ao cimo das pontes levadiças, gritavam alértas numa exclamação gutural. Para Genezareth, um bando de côrvos esvoaçou, grasnando fatidicamente. Na jaula dos leões, uma femea parida deixou ouvir o seu bramido soturno. Subito, das entranhas da terra, uma voz, como a dum escravo a quem estivessem açoitando, soluçou: — Adultero! Concubina! Progenie de

viboras! Maldito sejaes! Haveis de ras-tejar, corroidos de lepra, mortos de fome, como o mendigo, quando embranquece o vále do Libano! Haveis de comer o estêrco das valetas como os rafeiros, quando o dono lhes retira as sóbras da escudéla de pau. Maldito! Maldita! Dos vossos crimes, raça danada e imunda, nada perdoará meu Pae que está nos céus...

E' chegada a vossa hora, como a Gomorra, como a Sodoma, como a Ninive, baqueadas sobre a carépa nojentada da iniquidade! O filho de Deus subiu já a Galileia, deu volta á Samaria, passou em Tiberiades, desce o Jordão até ao Mar-Morto. Os cegos vêm, os coxos andam, os mudos falam, os surdos ouvem!

Chegou a vossa hora, maldito, maldita, progenie imunda de viboras! Adultero senil! Meretriz infecunda!

E os seios de Salomé, duas rôlas friorentas que trazia acoitadas no peito á procura de calôr, estremeceram, ao ouvir na noite estrelada, e cheia de mysterio, a voz soluçante do rude Jaokonnán.

Lisbôa, 1913.

SEVERO PORTELA.

(1) Do romance *Salomé*, a sahir do prélo.



PELO MUNDO FÓRA

A Turquia fez bem na reconquista de Adrianopla, cuja posse está reconhecida pelas potencias. Para isto concorreu sobretudo o descredito em que cahiu a Bulgaria, pelos vergonhosos actos de selvageria e carnificina de que deram provas as suas tropas, que na primeira phase da guerra tanta sympathia haviam conquistado em toda a Europa.

As atrocidades bulgaras provocaram tão grande horror que os habitantes de *Meluk* preferiram destruir a cidade, e emigrar em massa para territorio grego, a soffrer o jugo bulgaro. Os mesmos factos se deram em *Tsarev* e *Didaagatch*.

Segundo um relatório russo, publicado pelo *Daily Telegraph*, as casas mussulmanas e mesquitas da *Thracia* e de *Adrianopla* foram completamente saqueadas pelos subditos do Czar Fernando, sendo os seus habitantes despojados das suas proprias joias, sob ameaça de morte. Aos israelitas *Rodrigues*, *Delmoiras* e *Henaroya* até os proprios moveis se tiraram e expediram para *Sofia*.

Todas as manhãs se viam innumerous cadaveres de mussulmanos, mortos durante a noite; muitos eram lançados aos poços publicos, depois de cobertos de feridas uns e violados outros! Não tiveram conta as scenas de selvageria e de roubo, bem como os massacres na *mesquita Miri-Mirian* e os assassinatos nas ruas!

Estes e outros factos cannibalescos fizeram pender a balança para o lado da *Sublime Porta*, que ainda d'esta vez firmou o pé na Europa.

Adrianopla mandou emissarios ás diferentes capitães europeias, afim de con-

vencer os respectivos governos e a opinião publica de que é absolutamente indispensavel que a capital da Thracia fique sob o dominio ottomano. Essa delegação é composta de armenios, judeus, gregos e turcos, em cujos peitos se abrigam as mais risonhas esperanças de que a sua causa terá bom acolhimento cá para as bandas do occidente.

Neste sentido muito deve a Turquia ao grande escriptor francês *Pierre Loti*, o incansavel defensor do povo ottomano, o auctor do livro — *La Turquie Agonisante*, que tanto ruído tem causado em toda a parte onde chegaram os echos d'essa tremenda lucta balkanica.

O auctor do *Pêcheur d'Islande*, e de tantas joias da litteratura francesa, foi se ha pouco de longada até ás margens do Bosphoro, já muito suas conhecidas, pois foi ali que elle escreveu *Aziadé* e *Désœchantés*, dois romances em que se pinta a vida social turca. P. Loti combateu pela Turquia no *Gil-Blas*, mostrando que os alliados eram verdadeiros selvagens. Por isso a municipalidade da capital ottomana deu o nome de Pierre Loti a uma das maiores ruas de Constantinopla.

Como incidente diremos que o palacio de verão do embaixador da França, em *Therapia*, na costa do Bosphoro, foi destruido por um incendio. O palacio era de madeira, e pertencia ao principe Ypsilanti. Ali nasceu o poeta francês *André Chénier*.

Segundo a *Gazeta de S. Petersburgo* as perdas na guerra balkanica ascendem a 426:000 homens, não incluindo os civis, que foram tambem em grande numero.

A Turquia perdeu mais de 150:000. Os alliados, na primeira guerra, perderam uns 136:000 homens; na segunda, os servios, gregos e montenegrinos perderam 69:200, contra 83:000 bulgaros!

Não se sabe, por emquanto, o numero exacto de victimas immoladas em louvor das ambições, no altar hediondo da guerra, desencadeada em pleno seculo vinte com todos os horrores dos tempos medievos.

Por uma ironia cruel do destino deu-se o caso de veras curioso de se inaugurar em *Haya* um *Palacio da Paz*, quando ainda não estavam de todo apagados os echos lugubres d'essa horrenda lucta balkanica. Esse palacio, que sem duvida representa uma grande victoria para os defensores do pacifismo, é uma contribuição de varias nações, pôde mesmo dizer-se, de todas as nações civilizadas, que á porfia se esmeraram na remessa dos productos que melhor definiam as suas aptidões artisticas ou as suas riquezas mineiras.

Se a *paz pelo direito* tem assim o templo de ha muito ambicionado, onde os seus apóstolos e crentes possam reunir-se e pugnar pelo progresso das suas ideias, traduzidas em factos de indiscutivel vantagem pratica, forçoso é tambem confessar que a *paz pelo direito da força* continúa e continuará a imperar em todo o mundo tangivel, material e profano.

A Allemanha realisou as manobras do seu exercito, que se localisou na Silesia, tomando por thema uma supposta invasão da Allemanha por um exercito russo. As hostilidades foram iniciadas por flotilhas de aeroplanos e dirigiveis. Um dos Zeppelin, tripulado pelo proprio inventor, *conde de Zeppelin*, descobriu theoreticamente um aerodromo do exercito invasor, sendo

depois accommettido pelos aeroplanos. A batalha aerea assumiu temeroso aspecto, e o Zeppelin desceu inesperadamente, attingindo um pobre soldado que estava por baixo. O dirigivel soffreu fortes avarias, mas o seu inventor ficou illeso.

O *kaiser* e os reis da Grecia e de Saxe presenciaram as peripecias da lucta aerea, installados no alto d'uma collina.

O rei Constantino da Grecia tem dado muito que falar por causa do discurso pronunciado em Berlim, onde esteve de visita ao imperador Guilherme II, que numa grande cerimonia lhe entregou o *bastão de marechal*.

Nesse momento o *kaiser* disse, resumidamente:

«V. Magestade dignou-se, durante e depois da guerra, afirmar, publicamente, que os grandes successos que, com a ajuda de Deus, foi dado ao exercito grego alcançar, foram devidos, a par do heroico valor e da dedicacão de todas as tropas gregas, dispostas a todos os sacrificios, aos principios experimentados da tactica prussiana, os quaes foram adquiridos por vossa magestade e officiaes do seu estado maior em Berlim, no segundo regimento da guarda a pé e na Academia de Guerra da Prussia e que, postos em pratica tiveram tão brilhantes resultados.»

«O meu exercito sente-se orgulhoso da opinião de V. Magestade, que encerra o reconhecimento pelo nosso trabalho militar e intellectual, e nos fornece ao mesmo tempo a prova surprehendente de que esses principios, empregados pelo seu estado-maior-general e pelas tropas, bem applicados, garantirão sempre a victoria. Digne se, pois, V. Magestade aceitar das minhas mãos o bastão de marechal.»

O rei Constantino respondeu:

«Commovidamente exprimo a V. Magestade os meus agradecimentos pela grande honra que para mim representa a concessão do bastão de marechal.»

E voltando-se para o general, accrescentou:

«Não hesito em exprimir em voz alta e bem publicamente que as nossas victorias foram devidas, primeiro que tudo, ao valor indomavel das tropas gregas e tambem aos principios sobre a guerra e a sua direcção, que eu e os meus officiaes aprendemos em Berlim, nesse presado regimento da guarda a pé, na Academia de Guerra e na convivência com o estado maior prussiano.»

«Agradeço a sua magestade o grande imperador Guilherme II, que se dignou permittir-me durante preciosos meses, tomasse no seu exercito e na Academia Militar os conheci-

mentos militares que me valeram mais tarde na guerra tão brilhantes triumphos.»

Este discurso causou verdadeiro assombro nos centros politicos franceses e na imprensa, que o comenta asperamente, afirmando que foram os instructores franceses, dirigidos pelo general *Bydoux*, que levaram o exercito grego ao grau de adiantamento que o levou á victoria.

Melgaço, 25-IX-1913.

J. A MACEDO D'OLIVEIRA.

Artistas novas

Beatriz Ema Pereira

Damos hoje o retrato d'esta novel artista que, apesar de ter dado apenas os primeiros passos na difficil e ingrata carreira teatral, já hoje, pelos trabalhos que tem apresentado e pelo que a critica tem publicado, poderemos agourar-lhe um futuro cheio de aplausos e glorias.

Beatriz Ema Pereira é natural de Lisboa, e desde nova teve grande inclinação para a scena. Fez a sua estreia no Porto em 7 de outubro de 1911 na opereta *O camponez alegre* no teatro *Carlos Alberto*; depois entrou nas seguintes peças: *Uma mancha de rosas*, (papel da cigana), *Flôr do Tojo*, *Bella cançonetista*, *Botas de Napoleão* e na revista *A's armas*.

Vindo para Lisboa, fazendo parte da empresa Galhardo, tem representado no teatro *Avenida* a mór parte das peças do repertorio como: *Brazileiro Paneracio*, *Familia Polaca*, *Solar dos Barrigas*, *A Generala*, *Flôr do Tojo* e nas revistas *Có-có-ró-có*, *Alerta* e *31* ainda em scena.

Hoje publicando o seu retrato prestamos homenagem ao seu talento e disposições artisticas, desejando-lhe uma carreira cheia de felicidades.



BEATRIZ EMA PEREIRA

Artistas do Porto — Exposição de Pintura de Artur Loureiro



ARTUR LOUREIRO
Auto-retrato (Oleo)



RETRATO DO SR. DR. ANTERO
(Oleo)

Artistas do Porto

O pintor Artur Loureiro e a sua exposição

Por um dos mais luminosos dias desta temporada seca, de quasi calores tropicaes, quando o Sol em descidas a prumo parecia cantar hossanas

admiraveis, encerrou-se a exposição de pintura de Artur Loureiro, ali num recanto pitoresco e sadio do Palacio de Cristal.

Senhor da técnica, poeta da paisagem batida de sol e dos agros deslumbrantes, polvilhados aqui e ali de papoulas rubras, colorista sóbrio mas pujante que em duas pinceladas esboça todo um cântico policrômico de inéditas maravilhas, o artista illustre, cujo nome toma este artiguelho, é de ha muito, nesta parvonia onde dia a dia os seus créditos sóbem, uma figura destacante, embora parcamente apontada ao publico amigo dos réclamos.

Trabalhador infatigavel que da sua Arte fez um sacerdócio, como sóe dizer-se em ar conselheiral, — Artur Loureiro tem seguido sempre, sem falhas nem descidas abruptas, a escala ascendente no caminho traçado, o que o impõe á nossa e á admiração dos coevos e lhe marcará lugar saliente, no futuro, entre os artistas da palêta que viram a luz do dia neste rincão florido e

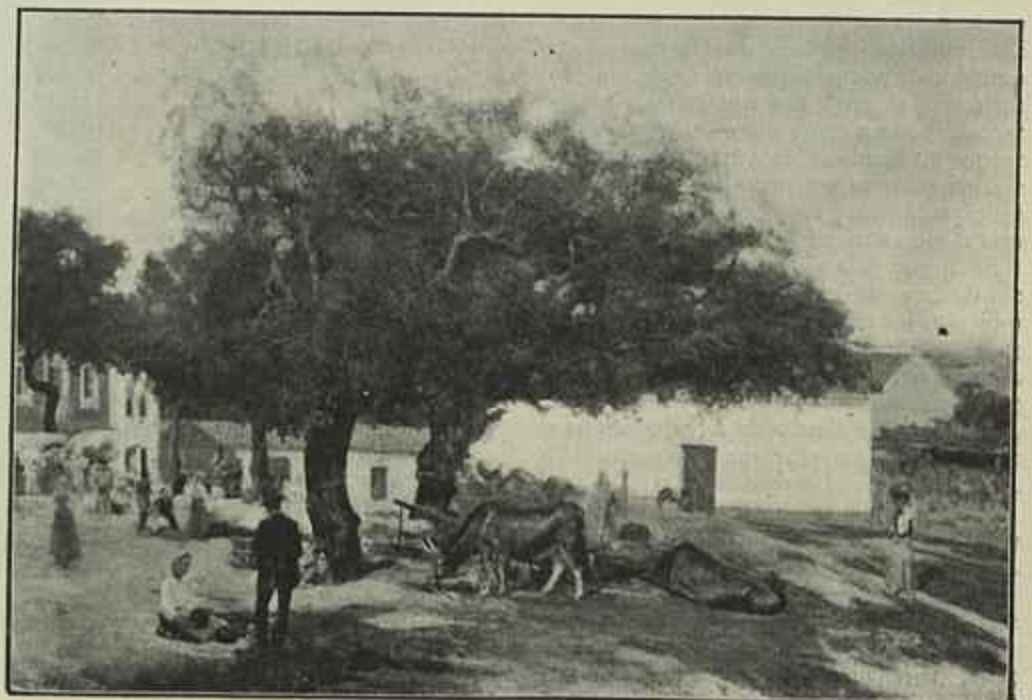
sobre o qual um belo ceu peninsular se estende em porlâdo testemunho de bondade para com um povo de preguiçosos e lamurientos como nós somos, na generalidade.

De há muito, e anualmente, vem êle expondo os seus trabalhos; e se é certo que sobejas provas tem dado do seu merecimento, não é menos verdadeiro terem aparecido neste ultimo certamen obras d'alto quilate como definitiva consagração ao autor. E' sabido que este não se detém, apenas, numa única maneira de pincelar, como se mais não pudéra subir, gastando o tempo preciosissimo a acizentar um crepusculo baço, ou a esboçar umas ligeiras marinhas em telas d'azul e branco á semelhança de parêdes de «ilha» em maré de retoque, ou de certa bandeira que os fados um dia esfarraparam...

Não é preciso ir mais longe na pesquisa, nem remontar a trabalhos antigos. Basta que, fixando os de hoje, nos detêmos ante esses quadros — *A Serra do Marão e Margens do Côrço* (Monte da



FLORA (Oleo)



UM TRECHO DE FEIRA EM SANT'ANA (Oleo) — (Clichés C. Pereira Cardoso)

NAS PRAIAS DE PORTUGAL



guês, com os pedregulhos fortes na eterna *pose* dos vencidos que se não humilham, analisemos a *Malga do meio dia*. Trata-se do recanto do lar, onde uma velhinha, sentada e pensativa, contempla a tijela do caldo pobre. É uma figura impressionante pela realidade amável, permita-se-me o termo, e pela «singeleza profunda» da sua inspiração. A *Filha do jornaleiro* e o auto-retrato do pintor, que é flagrantíssimo de vida e de verdade, juntamente com a *Rita da Caruma* são trabalhos admiráveis no género.

No último quadro a técnica surge em toda a sua destreza e a precisão das cores afirma-se vitoriosa.

Lindos estudos d'aguas, e muitíssimos de paisagem, em que Artur Loureiro é um triunfador, completavam a exposição.

O *Rio Leça*, por exemplo, é uma formosa tela, pitoresca e interessante. Enquanto as aguas deslisam serenamente, dando relevo, na sua transparência, ao quadro da natureza, as mulheres do povo, curvadas á beira-rio, lavam os seus trapos. Descrito parece banal, mas analisado surge-nos eloquente.

Forca) — onde se alastra a terra dum vermelho escuro, sem plantio, árida em extremo, e onde há, bem patente, a desolação dos êrmos entre penhascos escavados e hostis, envoltos em pardusca névoa, e as íngremes ladeiras que a mão do Acaso, num gesto subitâneo de cousas tétricas, escavou para dar lugar, talvez, a scenas de tragédia. Depois confrontêmo-los com o *Fim da tarde* (nos arredores do Porto), radiante na esmeralda dum trecho de relva, dum verde lavado e tenro, e cheio de uma vastidão atrativa, — e ainda com o *Trecho da Feira em Sant'Ana*, quadro de costumes, rejubilantes de alegrias de sol e harmonias de cor, bem nosso, regional, dum perspectiva meticulosa e flagrante verdade.

Volteando a exposição, os nossos olhos, em face do aparato policrômico onde um sinfonista da cor andou espalhando profundas alegrias, mal sabem onde devem poisar. No entanto, após a leve detença nessa bela *Impressão* que traduz um poente ensanguentado cujas tintas solares se dispersam no horizonte, e nos *Rochedos de carreiros* — outra pequena tela cheia de tapête *movediço* das aguas e do pálio azul dum ceu portu-



EM MATOSINHOS — BANHISTAS GOSANDO NA PRAIA — NA FOZ DO DOURO — UMA RODA NO BANHO — SAHINDO D'ÁGUA
(Cliché Joaquim de Azevedo)

O trecho do mosteiro e *Os claustros* (Leça do Ballo) cativam imediatamente as atenções. O primeiro é um esplêndido trecho pessa espécie de estrofe mosteiral, que uma avioletada névoa, como embebida na saudade das éras medievas, vão cobrindo, a erguer o seu perfil para o Azul e ostentando os seus pórticos e janelas que os antigos trabalharam e rendilharam ao fogo da inspiração. O segundo quadro, como disse, representa *Os claustros* — que alguém, esquecendo-se ou não compreendendo essa maravilha da arte antiga, transformou — suprema irrisão — em palheiro e abegoaria. E o artista assim nos pinta esse pedaço de interior, com um boi espantado a olhar a luz e lembrando-se talvez de que lhe deram, para moradia, um local onde outrora alguém ajoelhou conrito antes de partir, garboso, em defesa da sua terra e da sua crença. Uma velhota, sentada junto às palhas loiras e amontoadas, completa, com outros pormenores, esse trabalho de fina e séria perspicácia, e duma singular realisação.

Por tudo isso o pintor Artur Loureiro — envolto no burel da sua modestia quasi incompreensível nesta terreola de audaciosíssimas pataratas, só comparavel ao seu muito talento e á consciencia de trabalhador honesto e persistente — conquistou uma vez mais, mercê da ultima exposição, as atenções das honestas gentes do tripeiro burgo.

Antes que me esqueça, e para fecho desta ligeira noticia de lonvor merecido e ao correr da pena tracejada, mencionarei ainda um outro quadro — *A Flóra*: soberbo motivo mitológico que o artista escolheu, e realiso, numa hora de felicidade. Este quadro, dum alto e poetico simbolismo, representa uma formosa dona, semi-nua, com a fronte engrinalhada de malmequeres, de flores á moda da Hélada, e recolhida á sombra duma arvore na Primavera, — o pecegueiro — que para os ceus de saíra distende, num enleio mágico, numa tentação de cor e perfumes, os braços abertos e toucados de floritas de tons lilazes. A virgem fransina, simbólica, de linhas ritmicamente puras e olhar vago de quem sonha, ostenta as róseas pómas duma esbelteza olimpica, tentadora, que se *adivinham* prenhes de seiva na turgidez forte que anuncia a vida, e as torna levemente violáceas. Ao longo, e em redor, do jardim as árvores afilam os seus braços negros e juntam-se, nos canteiros sem numero, as cabecitas brancas e vermelhas das azáleas, felizes numa harmonia acabadissima de cor. E, por fim, sobre tudo, mesmo sobre a terra destacante e irregular ali, no quadro, há como que uma clámide vaporosa de sonho, dum sonho inspirado em crepúsculos de abril, e a ampliar-se dando contornos d'algo de arroubante.

Só este quadro merecia a estrizada nota critica dum culto estéta que, nem só se preocupando com as realidades ou irrealidades desta vida pobre, quizesse vêr naquella obra os fulgores d'Arte que a valorisam, a estranha beleza que a ilumina, iluminando-nos, quando nos não assombra em extases subjugadores...

VAZ PASSOS.

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

V

Primeira parte

TRIUMPHO INUTIL

(Continuado do numero antecedente)

N'uma grande corrente de sympathia, Fombreuse teve vontade de abraçar essa artista que tão bem tinha comprehendido o pensamento da sua obra. Anna parecia que advinhára o seu pensamento, e sentiu passar pelo corpo uma tremura nervosa que o fez tornar-se pallido. Fombreuse recordou-se dos conselhos do

gravador, e não quiz alimentar mais n'aquella pobre mulher esse rosario de ideias que a tornariam victima.

— Minha senhora, disse-lhe Fombreuse, nunca poderei esquecer quanto a minha arte lhe deve; acredite sempre na minha amizade respeitosa.

Pelos olhos de Anna Le Cozan viu a imagem d'elle desaparecer como fumo, aquella alegria do coração paralysoou-se quasi por completo!

— Ah! disse Fombreuse, todos vós sois para mim a minha verdadeira familia intellectual! Se na minha affeição não tendes o melhor lugar como meus paes, o meu pensamento os coloca em primeiro lugar. E' singular! Para os paes temos sempre talento, apesar de sermos ás vezes filhos prodigos. Pensam em fazer de nós, séres superiores; gosam da nossa futura gloria. Se por acaso não alcançámos, tão depressa como elles querem, um nôme respeitado, queixam-se immensamente! Mas como a minha ideia foi aqui comprehendida, e estimulada! O mais pequeno esforço na minha arte foi aqui saudado como uma conquista. Quem me deu a coragem foi vós, Steinbaum; e foi no vosso lár que eu quiz conservar a chamma protectora. Estou contente de pensar que foi tambem devido a vós, sr.^a Cozan, ao vosso grande talento, que tantos applausos tenho alcançado, e que assim meus paes poderão estar contentes a meu respeito.

— Elles verão os felizes efeitos quando em breve a vossa obra fôr lançada ao publico. Passada as mãos de um editor.

Anna Le Cozan contou então a proposta que lhe fizera o editor Reynaud, em a noite do concerto. Depois foi falar outra vez com elle, referindo-se á gravura de Lisbeth do *Atravez do Oceano*. Reynaud estava disposto a comprar as chapas em boas condições para o compositor. Léra as criticas elogiosas publicadas nos melhores jornaes, por isso convinha-lhe dar asylo a essa obra d'um novo de largo futuro.

Fombreuse olhava para Steinbaum, procurando na sua phisionomia o conselho a seguir. Mas a cara do gravador revelava-se de perplexidade.

Anna Le Cozan, admirada do receio que Fombreuse mostrava, quando esperava uma resposta de intensa gratidão, ficou sob um veo de tristeza de veras significativo.

Fombreuse respondeu a meias palavras:

— Irei fallar então com Reynaud, para poder combinar...

Seria possivel?! Ella que tinha negociado com elle, o editor mais em voga de Paris?! Um sentimento de irremediavel decepção alterava essa hora ha tanto tempo sonhada!

Steinbaum teve a noção da melancolia que cahia como ferro derretido sobre o coração da cantora, e para desviar mais minutos de tristesa pegou no copo e fez um brinde á saude da artista.

— Illustre cantora, bebo ao vosso notavel talento. Hontem deu-nos uma noite d'arte que nos transportou ás regiões do sonho. O que a Musica divina exaltando o vosso coração e a vossa intelligencia enche a sua alma de felicidade, Emquanto a vós, Fombreuse, bebo ao vosso fu-

turo e que o vosso ideal seja cumprido com gloria; emfim, bebo em honra dos dois artistas que, aliados pelo laço estreito da arte, obtenham uma estrada florida de applausos a que têm direito!

Levantou-se, tirou da algibeira uma chave que andava sempre com elle, foi abrir a porta do quarto das gravuras, e d'ahi a pouco trazia um quadro.

— E' o frontespicio da obra em a qual trabalho ha muito tempo e só estará prompta daqui a annos. Esta primeira estampa serve de prologo e chama-se *Os graus da Vida*.

O instante era solemne. Uma transfiguração, de genio interior que illuminava o pensamento secreto, envolvia Steinbaum de nobresa e gravidade. Parecia um Moyses descendo do Sinai com as tabuas da Lei.

Quando se aproximou do candieiro e colocou o quadro em boa luz, disse:

— Aqui está!

Não houve um grito de emoção nem de sobresalto de enthusiasmo. Era necessario olhar, examinar, comprehender. Mas quando viram a ideia inspiradora, a admiração foi profunda! Cada detalhe, conduzia a attenção para a parte central.

Na decoração de um paraizo terrestre, desembaraçado de toda a convenção que quatro seculos de pintura nos mostram, entre rochedos, plantas, animaes, o homem e a mulher, nús e fortes, caminham solitarios pela margem de um rio. E' o que um simples olhar podia perceber. Mas analysando melhor, prolongando a visão, notava-se a ideia palpitando sob a forma, descobria o sentido debaixo da ideia symbolica, chegando-se á metaphysica figurada. Era bem o frontespicio que devia dominar o limiar d'essa porta, detraz da qual estavam os *Gráus da Vila*. Tudo vivia n'aquella estampa, vida estacionaria e passiva na sua enerjia de mineral, vida confusa e cheia de vegetal, existencia de instincto progressivo do animal, força d'acção, de amor e de pensamento dos humanos. A mulher, órgão da maternidade, olhava para todas as coisas com um aspecto cheio de espanto. Irmã de tudo que fecunda, trazia um braçado de flôres. Inclínada sobre o peito do esposo era como o traço de união entre o homem e a natureza. E elle com um bello movimento, abraçando os fructos da terra, horizonte e ceu, ligava a humanidade ao Infinito. Era a materia vibrante, no mais alto grau da creatura que sabe sonhar; além, o mundo invisível que um gesto de pé affirmava. Toda a natureza confessava a eternidade vital, o rochedo queimado pelo sol, a planta crescendo em uma atmosphera de viço, o rio rolando com todas as suas ondinas atravez da fertilidade dos campos, a nuvem fluctuando nas planicies do espaço, a immensidade sustentando as espheras dos mundos...

(Continúa).

— Então deram-te duas formidaveis bofetadas, hein?

— E' verdade, deram.

— E o lance teve consequencias serias, está bem visto?

— Teve: andei com a cara inchada mais de quinze dias.

Por montes e valles

(Notas a esmo)

(Continuado do n.º antecedente)

As chuvas ultimamente cahidas deram aos campos o aspecto d'um grande vergel perfumado, em que os tons verdes de variadas tonalidades palpitam cheios de viço e frescura.

As oliveiras, carvalhos, platanos, choupos, mais além os valados, muito limpos da poeira, apresentam no seu aspecto uma alegria inconsciente que o homem adivinha pelo prisma da sua analyse.

Os pinheirões desprendem de si um perfume vivificante, as fontes, os regatos, as vertentes dos montes, são sagradas imagens de aspectos diferentes da natureza quando esta se recama de toda a sua força de Belleza!

Lá ao longe passam rebanhos para o pasto; caminham na sua tranquilidade habitual e monotonica, ao passo que o pastor as vae conduzindo, tocando na sua avena rustica o thema de qualquer canção, desabrochada na sua alma simples e ingenua.

Para mim o pastor é um symbolo de simplicidade. O rapazola que conduz o gado todo o dia, que vive isolado, pelas charneças em fóra, possui um alto gráu de poesia campesina, uma fonte de psy-

chologia emotiva e subtil. O pastor é um ente que vive afastado de toda a serie das manifestações do saber humano, separado da melhor descoberta, alheio a todo o alimento intellectual do nosso eu. O seu horizonte do pensamento é semelhante ao visual, acanhado e curto, tendo por limites o ceu que o cobre e a charneca immensa que elle pisa sob os raios do sol.

Se fallarmos ao pastor na menor descoberta, responderá por uma gargalhada, sem mesmo comprehender as palavras que lhe dirigimos. E essa gargalhada franca, não será symptoma de estupidéz, mas o signal de uma intelligencia inculta.

No pastor, apesar de desconhecer a existencia, no que ella possui de mais bello dentro da sua razão de ser, como nós a conhecemos, vemos n'elle o prototypo do artista em embryão!

O pastor é artista de nascença, foi o meio campezero que lhe dictou na alma uns limitados principios de esthetica.

O murmuro das fontes, o chilrear das aves, o ranger das arvores pelo vento da tempestade, o scenario que os campos lhe apresentam quando lhe mostra a mistura irregular das diversas côres da carvalhiça, dos pilriteiros, do tójo, da carqueja, do rosmaninho, do carrasco, das



O LUGAR DE AVENAL VISTO DA ESTRADA DE OBIDOS
(Cliché Alfredo Pinto (Sacavem))

giestas e outras plantas campesinas, tudo desperta n'elle a ideia do Bello, d'uma forma rudimentar, pois que o ignora, mas que o dispõe a possuir uma alma embebida n'uma especie de Belleza ainda que pura, ingenua e simples.

Quando elle, no cimo de um outeiro, isolado, pega da avena, feita por elle, e toca uma canção, não veremos uma alma vibrante de sentimento?! De tez tisonada pelo sol, cabello desgrenhado, peito seminu, olhar vivo, olha para a terra que o viu nascer e chama-lhe sua segunda mãe!

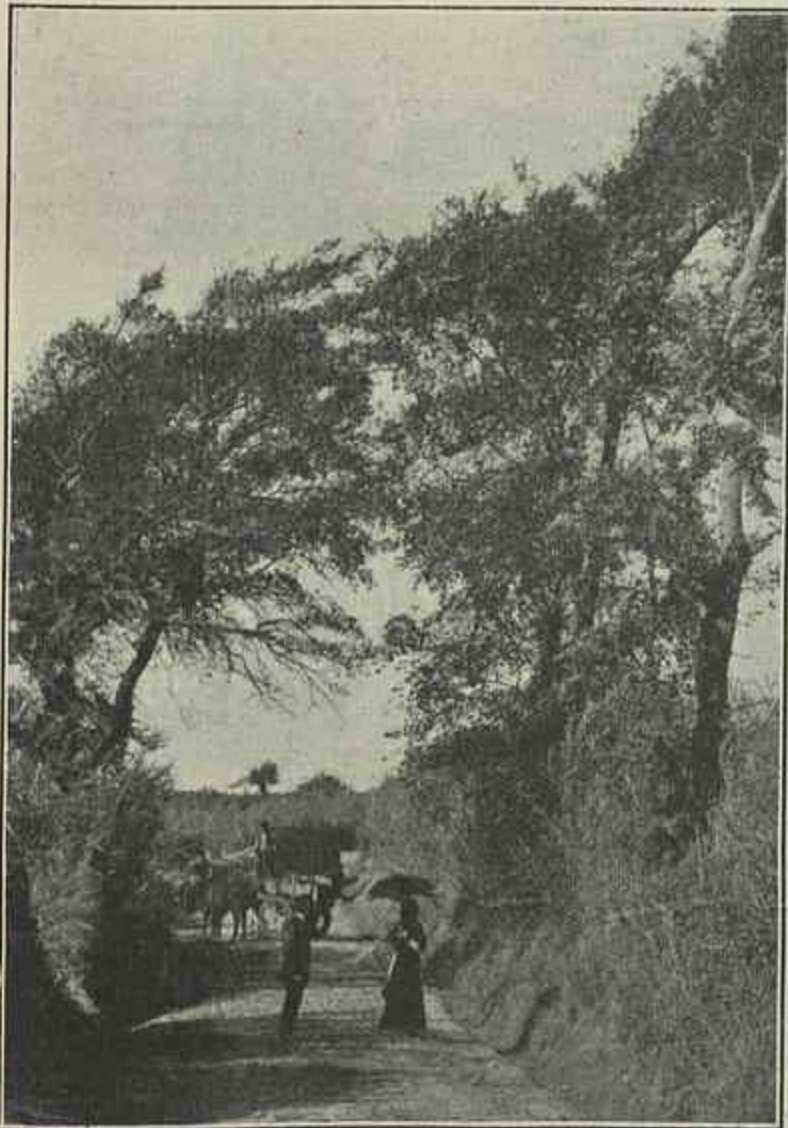
De sol a sol o pastor vae caminhando e os sons da sua flauta rustica echôam pelos valles floridos, perdendo-se no grande espaço onde reina o silencio apenas quebrado pelos chocalhos do gado. Eis um trecho de paysagem que o pintor poderá reproduzir na tela, mas por melhor que seja a obra do artista nunca tradusirá toda a sua belleza philosophica, nascerá uma paysagem quasi sem vida, quasi morta!

Se queres, leitor, conhecer bem a paysagem portugueza, embrenha-te pela charneca, vive na existencia semi-selvagem das serras, contempla frente a frente os abysmos, entra no lár do campo, do humilde cavador, analisa o seu labutar quotidiano, ouve-lhe as canções, ora alegres como o trinado dos passaros, ora tristes como o murmuro das levadas, depois então verás como o artista é deficiente para a tradusir no numero infinito das suas phases suggestivas, na gamma dos seus aspectos encantadores!

Como disse, a chuva viera refrescar os campos verdes, vibrantes, como preciosa esmeralda.

Do alto de uma pequena colina via na minha frente um trecho da villa das Caldas semi escondida pelas copas dos arvoredos; na linha do horizonte as areias brancas da Foz do Arelho e a lagôa d'Obidos espelhada semelhando-se a um triangulo de prata.

A esquerda, mais ao longe, divisavam-se as ruinas do castello d'Obidos, sobranceiro a todas as redondezas; jaz alli solitario, derruindo-se pouco a pouco; uma pagina da nossa historia, restos de uma epoca de conquistas e heroicidades!



NA ESTRADA DA CHARNECA DO CANTO
(Cliché Jorge Lima)

Com o seu aspecto negro e magestoso, desenhava-se ao longe nas suas linhas severas; servia de contraste áquelle fundo da paisagem toda ella garrida e respirando vida.

Um bando de rôlas brancas sahiu de um pinhal, e lá fôram voando, batendo as azas, brancas de espuma, leves, muito leves!

Nos campos de vinhas alli proximos, junto ao lugar do Arenal, ranchos de raparigas, espalhados aqui e alli, andavam vindimando sob uma intensa luz de sol brilhante.

Mais além diversas dôrnas, em carros de bois, estavam quasi cheios de formosos cachos que em breves horas estariam nos lagares,

«Les grands chais gemissants qui reviennent le soir»

como disse Roujan referindo-se ás vindimas de Gascogne.

Havia na fazenda um movimento desusado; todos trabalhavam com afim. Vinho novo! Vinho novo! O sangue do trabalhador!

Entre na herdade por uma tôsca cancella de ripado, um cão branco com malhas pretas correu logo a ladrar-me, era um claro aviso que estava em terra extranha.

— Cala-te *Fiel*, disse uma voz forte sôita do meio da vinha.

O animal foi prompto em obedecer e deixou-me em paz. Apesar de dizerem «cão que ladra, não morde» não me foi muito agradável a visita do *Fiel*...

Era um quadro digno de vêr-se, ao passo que o labutar enchia de alegria aquellas almas rudes e simples, as raparigas como gorgeios d'aves cantavam quadras como estas que eu pude anotar:

«Perguntei ao sol se viu,
A lua se o encontrou,
As estrelas se souberam
D'um amor que me deixou.

*Majarição da janella,
Todo bordado aos ramos,
Os dias que te não vejo
Para mim parecem annos.*

*Quatro flôres em meu peito,
Fizeram sociedade,
Malmequer, Amor Perfeito,
O Martyrio e a Saudade.*

*Eu heide-te amar, amar,
Quer tu queiras, quer não queiras
Eu tenho por minha banda
Quatrocentas feiticeiras.*

*Subi ao ceu por uma ameixa,
E descí por um cacho d'uras
Ninguém se fie nos homens
São falsos como Judas.»*

A rapariga ao cantar esta quadra, sorriu-se e olhou para mim, um olhar franco, mas traduzindo talvez um pouco de malícia.

Os versos eram dirigidos a mim, com certeza, pois eu já vinha bastante longe e ainda ouvia as gargalhadas das raparigas!

Quando d'ahi a dias encontrei casual-

mente na estrada a rapariga dos versos, parecia que a sua voz ainda me dizia aos meus ouvidos

*Ninguém se fie nos homens
São falsos como Judas,*

Ella olhou para mim, abaixou os olhos, córou e sorriu-se.

Reconhecêra-me... mal sabia ella que eu já lhe perdoára ha muito a injustiça.

(Continúa)

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



O Judeu Antonio José da Silva

«Foi o escultor Simões de Almeida (Sobrinho) encarregado pela Junta Liberal de fazer o projecto para o monumento a levantar ao celebre professor Antonio José da Silva...»

O OCCIDENTE, n.º 1246, pag. 243.

Quem foi semelhante professor? Diogo Barbosa Machado (*Bibliotheca Lusitana*) foi parco em excesso nas linhas que lhe consagrou. No tomo 1.º da obra notavel registou isto:

«ANTONIO JOSEPH DA SYLVA natural do Rio de Janeiro filho de João Mendes da Sylva Advogado nesta Corte, e Lourença Coutinho. Estudou Direito Cível em a Universidade de Coimbra donde passando a Lisboa exercitava o officio de Advogado de Causas Forenses. Teve genio para a poesia Comica, de que compoz varias obras, que forão representadas com applauso dos espectadores sendo as principaes:

Labirinto de Creta Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca, 1736. 8.

As Variedades de Protheo. Lisboa pelo dito impressor, 1737. 8.

Guerras do Alecrim e Mangerona Lisboa pelo dito impressor, 1737. 8.

Anfitrião. M. S.

D. Quixote. M. S.

Factote. M. S.»

No tomo 4.º forneceu mais o seguinte esclarecimento:

«ANTONIO JOSEPH DA SYLVA (Tomo I. pag. 303. col. 1) nasceu a 8 de Mayo de 1705, e morreu a 19 de Outubro de 1739.

Glosa do Soneto de Camões: Alma minha gentil, que te partiste, na qual exprime Portugal o seu sentimento na morte da sua bellissima Infanta a Senhora D. Francisca. Sahio nos *Accentos saudosos das Musas Portuguezas ao mesmo Assumpto, Parte 1.* Lisboa, por Antonio Isidoro da Fonseca, 1736. 4.

Amor vencido de amor. Sarzuela Epithlamica nas Vодas dos Príncipes do Brasil.

Os Amantes de Escabeche. Comedia Burlesca, que consta da Fabula de Apollo, e Dafne.

Fabula de Apollo, e Dafne. 8. Rima.

El prodigio de Amarante S. Gonçalo. Comedia.»

No volume *Historia de Portugal* por Francisco Duarte Almeida e Araujo, editorado em Lisboa no ano de 1852, acham-se transcritas estas linhas, quasi no fêcho do reinado de D. João V:

«Em 1745 houve um dos ultimos autos de fé, de que se tenha conservado memoria: um poeta dramatico que tinha ganho uma celebridade popular, expirava entre as chamas de uma fogueira da Inquisição. Debalde o desgraçado Antonio José protestava o seu respeito pela religião do Estado; uma morte cruel attestava ao mundo o espirito de demencia que punia a sua raça desgraçada.»

No primeiro periodo da transcrita passagem precedente ha um erro de data, pois que o auto de fé alludido occorreu em 1739.

Resumiu-lhe a definição pela seguinte fórma, o infatigavel escritor e grande erudito Mendes

dos Remedios, no prefacio com que acompanhou a opera jocosa *Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*, editorada em Coimbra pela casa Franca Amado em 1905:

«A 19 de outubro de 1739 realisava-se um auto de fé na igreja de S. Domingos de Lisboa e ahi se lia a sentença, que o entregava ao braço secular «pedindo com muita instancia se haja com elle benigna e piedosamente e não proceda a pena de morte, nem effusão de sangue», formula feroz, na sua hypocrita benevolencia apparente, mas que era da letra dos codigos inquisitorias de qualquer parte que fosse...»

Pela leitura da lista dos condemnados nesse auto-de fé pôde Antonio José ficar sabendo o destino que esperava sua mãe e sua esposa — ambas presas a arbitrio!

E enquanto ellas ficaram penando na obscuridade do carcere, Antonio José, na praça publica foi amarrado ao poste e, porque fôra accusado de judaizante e não de judeu, houve-se com elle a misericordia de o não queimar vivo. Foi primeiro degollado e depois é que o seu cadaver foi reduzido a cinzas.

Era em outubro de 1739.»

A scenarios taes facultou João III a possibilidade, ao introduzir a Inquisição em Portugal!

E o seu antecessor, ao permitir-se expulsar os judeus, forneceu-lhe ás ferinas garras numerosas victimas antecipadas.

«E' difficil, afirma com acerto Maximiano de Lemos em estudo primoroso (*Amato Lusitano*), formar ideia do numero de judeus que então havia no paiz. Por occasião da sua expulsão, quando o mesmo D. Manuel os encerralou em Lisboa, nos Estúas, juntaram-se n'aquella cidade para cima de 20.000. Quantos, porém, não sacrificariam ás manifestações exteriores das suas crenças, para se conservarem no paiz onde tinham creado interesses e familia?»

A ascendencia de Antonio José da Silva havia preferido retirar-se do continente portuguez europeu para o Brazil, ainda colonia e foi lá, no Rio de Janeiro, que João Mendes da Silva e Lourença Coutinho, sua esposa, se tornaram progenitores do futura insigne continuador de Gil Vicente, a quem o famoso teatro popular do Bairro Alto, em Lisboa, iria dever triumphos assinalados.

Parece que no termo do ano de 1712, por occasião de perseguição com fundamento de raça, saiu do Brazil a familia de Antonio José e veiu para Lisboa.

Governava este paiz o perdulario e libidinoso João V, misto de tantas coisas repugnantes, aclamado em 1705 por falecimento de Pedro II e succedido, em 1750, pelo filho, José, de quem foi ministro o celeberrimo e egregio Marquez de Pombal.

Estudou o moço Antonio as disciplinas preparatorias que o habilitaram á matricula na Universidade de Coimbra, onde concluiu formatura em 1729, não sem que houvesse experimentado algum tempo antes a tortura do santo officio!

Iniciou então a carreira da advocacia, ao lado de seu pae, na capital portugueza e obedeceu tambem ao proprio impulso talentoso, dando-se um tanto ás Musas e á composição de trabalhos teatraes, em que o seu notavel bisturi era applicado, por mão de mestre, ás excrescencias ridiculas e deprimentes da sociedade contemporanea.

Em 1734 casou com sua prima Leonor Maria de Carvalho, da Covilhã, e d'este consorcio resultou uma vergonte de esperanza para o casal, na pessoa de uma menina, dentro em breve sem pae.

Na peça o *Anfitrião* transparecem referencias ao tribunal nefando, e esta circumstancia e a de não se acomodar em outras peças de sua lavra com a hypocrisia corrente, em que se registavam excessos vergonhosos, forneceu mais uma vitima á malevolencia denunciadora e ao algoz, apodrecido, mais um ensejo de requinte perverso!

Está salva, porém, a memoria limpida do dramaturgo, poeta e comediografo illustre que se chamou Antonio José da Silva. A sua figura, em estatua, ha de ser, de outubro em diante, mais uma voz de bronze a verberar com genuino direito a infancia de processos e de actos simultaneos, d'esse execrando tribunal de inquisidores, que ensanguentou e deshonrou a terra por largo periodo!

E' digna de felicitações a Junta Liberal pelo empenho em que anda, de levar á execução uma tal idea de civismo grandioso que, sem contestação alguma, traduzirá uma legitima homenagem

de justiça a um vulto que ocupa lugar primordial na literatura portugueza.

Preciso é que se reivindicque para cada qual aquilo que lhe pertence.

E' esta a dignidade da Historia e a lei clarissima da Razão.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



Coisas de teatro

Nesta época morta de assuntos teatraes nenhum prazer maior poderia ter do que a leitura, que gentilmente me foi facultada, de uma peça que deve ser representada no proximo inverno.

Prazer duplo que experimentei com a sua leitura e pelo facto de ter tido largas conversações com o seu autor acerca de coisas de teatro, que elle muito aprecia e de que é conhecedor.

E foi para mim uma surpresa agradável essa sua primeira peça que me veio demonstrar plenamente que elle não era apenas um teórico.

Rodrigo Samwell Diniz desenhou em traços profundos as suas personagens e fê las viver com uma emotividade que impressiona.

Os seus *Conflictos da Alma* são uma luta intima, uma dessas luctas acerbas que tantas vezes se deparam na nossa vida, entre os principios da honra e do devêr e os affectos que se radicam na alma e nos dominam e nos torturam.

Porque nessas luctas titánicas tambem se encontra prazer, qual o do bem, a satisfação moral que é o apanagio das pessoas que não vivem só da sua animalidade grosseira e para quem aquella doce litanía prégada por Jesus, o sacrificio, é a unica coisa bela que encontram na podridão que as cerca.

Mas as correntes modernas não reconhecem o religiosismo da familia e concedem aos direitos da alma lugar proeminente.

E nós, no nosso gôso intimo, temos de reconhecer-lo porque sabemos quantas ligações existem sem que a unica causa que as deviam determinar se tivesse produzido. Os casos são porém diversos, tão diversos como o são umas das outras as pessoas com quem se relacionam.

Peça de tésé poderia sêr so a tésé fôsse neste ponto uma coisa concludente. Não o é e bem fez Rodrigo Diniz nada querendo demonstrar em ultima análise. E' um caso de patologia social do qual elle apresenta as premissas.

Mas, posso afoitamente dizê-lo, o seu primeiro trabalho foi admiravel na fôrma e na intenção, porque como mais de uma vez tenho repetido, todos os assuntos são bons desde que se lhes saiba dar vida e côr e apresentá-los de fôrma que não contrariem as regras a que tem de obedecer o teatro, regras que não estão estabelecidas mas que são as que regem toda a produção artistica.

A. DE MELLO E NIZA.



Homenagem á memoria de Francisco Carqueja

Passou no dia 21 deste mez o quinto anniversario da morte de Francisco de Sousa Carqueja, um dos fundadores e antigo director-proprietario do *Comercio do Porto*.

Esta data foi publicamente celebrada na Cidade Invieta, por uma manifestação comovedora, de que tomou a iniciativa a Sociedade dos Tipografos Portuenses e Artes Correlativas, de que Francisco Carqueja foi grande protetor, assim como a comissão administrativa da Caixa de Beneficencia *Francisco Carqueja*, protetora das viúvas e orfãos dos socios da mesma sociedade.

Aquella manifestação estendeu-se ao Recolhimento das Orfãs e ao



FRANCISCO DE SOUSA CARQUEJA

de Nossa Senhora e S. José de Meninas Desamparadas, de que tambem foi desvelado protetor Francisco Carqueja, na sua grande missão de bem-fazer que foi a pratica de sua vida.

Os corpos gerentes daquella Sociedade com grande numero de socios e as direcções dos asilos com suas educandas, formaram uma romagem piedosa a que se juntaram muitas outras pessoas amigas e admiradoras das virtudes de Francisco Carqueja, até ao cemiterio do Repouso, onde lhe cobriram a campa rasa de flôres e discursaram junto á mesma campa, recordando todos os beneficios que haviam recebido do illustre extinto, inaltecendo-lhe as virtudes e prestando-lhe a homenagem da sua eterna gratidão.

Depois desta romaria, realisou-se na sala do Recolhimento das Orfãs uma sessão solene em honra á memoria de Francisco Carqueja, a que compareceram grande parte das pessoas que tinham ido ao cemiterio, e os membros da familia

Carqueja, discursando varios oradores e em que foi distribuido o premio *Francisco Carqueja*, instituido pela familia do falecido, e que é o juro anual de uma inscriçõ de 500 escudos, sorteado entre todo o pessoal que se emprega nas oficinas do *Comercio do Porto*.

Foi a menina Maria Paulina Carqueja, neta do falecido, que tirou a esfera com o n.º 67, cabendo o premio ao impressor Antonio de Almeida Junior.

Distribuiu-se tambem outro premio instituido por *Francisco Carqueja*, destinado á educanda do Recolhimento das Orfãs que melhor provas apresentasse de aproveitamento de seus estudos e de bom comportamento, cabendo á educanda Olinda Cabral da Costa e Silva.

Esta comemoração foi tão honrosa para aquelles que a celebraram como para a memoria do benemerito cidadão a que foi prestada, e tanto mais consoladora, por não envolver qualquer ideia politica, mas simplesmente honrar a virtude de um homem benemerito, que ainda depois da sua morte, prevalece na sua obra do Bem.

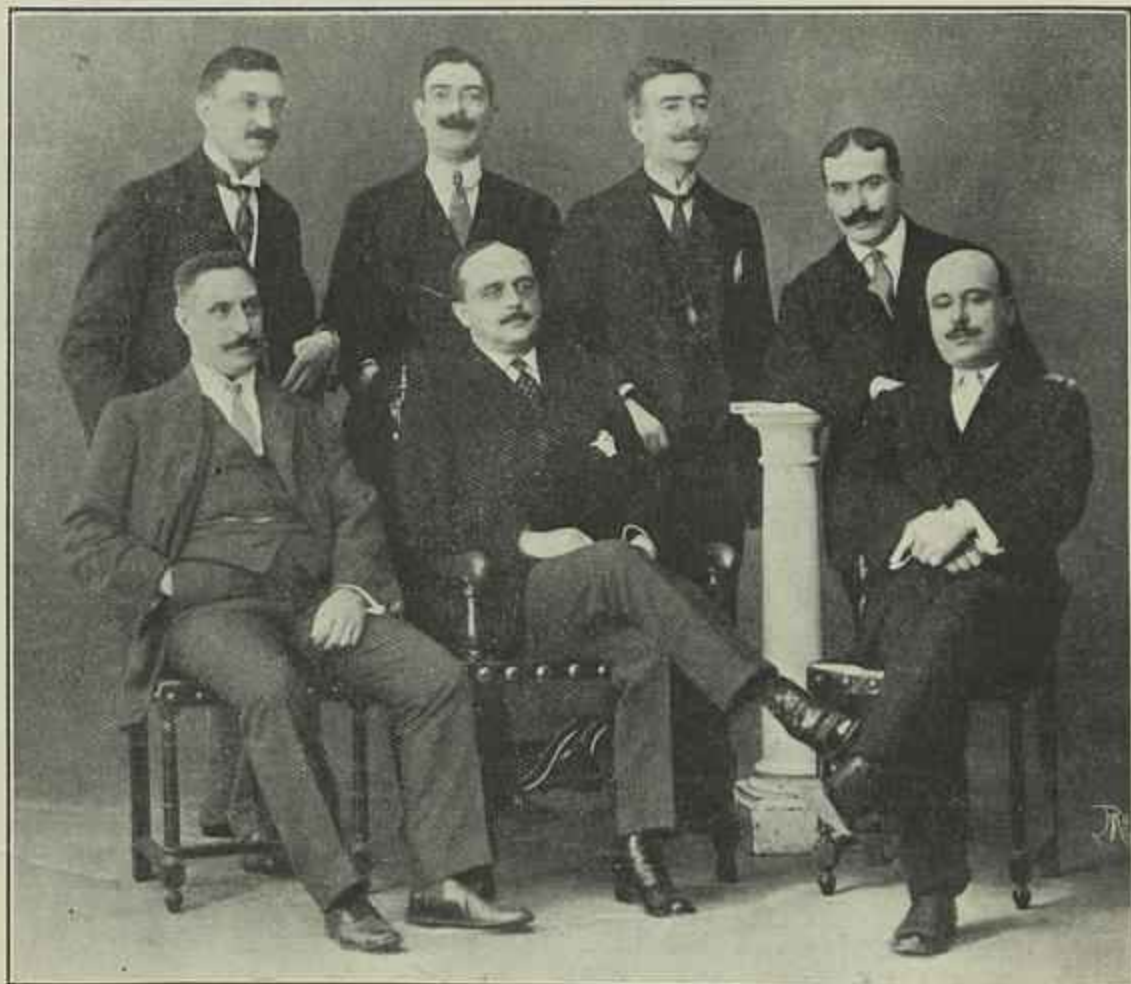
A estas manifestações civicas juntaram-se os suffragios religiosos, tendo-se celebrado, no Porto, missas em varios templos por alma de Francisco Carqueja, que foram muito concorridas, não só por pessoas da familia e amigos, mas por muita gente do povo, que ainda hoje lamenta a falta daquelle seu grande bemfeitor.



A Junção do Bem

Ha pouco mais de um ano um grupo de cidadãos de parochia de S. Nicolau fundou uma *Instituição de Beneficencia e Assistencia* com o sujestivo titulo de *Junção do Bem*.

Empenharam-se na criação desta benemerita obra de assistencia publica os srs. Francisco Barreto, Joaquim José Nunes, Artur Moreira de Oliveira, Augusto Anselmo, Antonio Julio do Nascimento e Faustino Tavares Figueira, que forma-



1.º PLANO — Joaquim José Nunes; Francisco Barreto; Artur Moreira d'Oliveira
2.º PLANO — Augusto Anselmo; Ramiro Montes Pinto; Antonio Julio do Nascimento; Faustino Tavares Figueira

OS MEMBROS DA COMISSÃO DA JUNÇÃO DO BEM

ram a comissão fundadora, para angariar subscritores e administrar os fundos.

Não descançou a comissão em adquirir meios para pôr a sua benemerita obra em pratica, procurando socios que para ella subcrevessem, conseguindo arranjar fundos para subsidiar familias pobres da parochia, proteger as creanças dessas familias, cuidando do seu desenvolvimento moral e fisico, prestar-lhe os socorros da assistência e, muito principalmente, na época propria facultar-lhe o uso de banhos do mar ou ares do campo. Instituir auxilio á maternidade, com assistência medica, quando precisa, e subsidio pecuniario no ultimo mez da gravidez, e que se estenderá tanto á mãe como ao recém-nascido por tempo razoavel e consoante as circumstancias.

Tão simpatica instituição encontrou eco nos corações bem formados, e os seus fundadores tiveram a grande satisfação de a verem progredir, procurando sempre aumentar os fundos, para o que realisaram em abril deste ano uma recita no Teatro Nacional Almeida Garrett, com a comparsa do Chefe do Estado, que da melhor vontade acedeu ao convite da comissão, mostrando quanto lhe era simpatica a *Junção do Bem*.

Dessa recita recolheu a comissão 348 escudos e 46 centavos, como se lê do relatório que temos presente.

Os benemeritos fundadores incansaveis na sua obra, poderam distribuir no primeiro ano subsidios na importancia de 415 escudos e 30 centavos em dinheiro e 73 escudos e 30 centavos em vestuario e generos alimenticios.

A *Junção do Bem* vai progredindo mercê da dedicação de seus fundadores e dos seus subscritores. Entrando em uma fase pratica e para se colocar ao abrigo da lei, formulou agora seus es-

tatutos sob os fins a que se propõe, — que são os já mencionados — estatutos que foram aprovados por alvará do Governo Civil do Districto, de 26 de julho proximo passado.

Temos, pois, a registar mais uma instituição de assistência publica, em Lisboa, como é a *Junção do Bem*, norteada sómente pelo que o seu justo titulo indica, sem intuios politicos, como é letra expressa no artigo 32.º dos seus estatutos.

Não regateando louvores a uma tal instituição, apraz-nos vulgarisar esta obra do Bem, incitando os seus fundadores a que persistam no seu benemerito proposito, certos de que ella prosperará com o auxilio do publico e servirá de exemplo e estímulo para que outras instituições semelhantes se vão creando nesta capital, onde tão precisas se tornam.

Manifestação escolar ao professor Ribeiro Christino

Na Escola Industrial «Machado de Castro»

A nossa gravura representando o professor João Ribeiro Christino da Silva, nosso antigo colaborador artistico e literario, entre alguns dos



GRUPO DE ALUNOS DO CURSO DE DESENHO DA ESCOLA INDUSTRIAL «MACHADO DE CASTRO» COM O SEU PROFESSOR J. RIBEIRO CHRISTINO, AO CENTRO

seus discipulos de desenho elementar da Escola Industrial Machado de Castro, testemunha o apreço em que são tidas as qualidades profissionais do antigo professor das Escolas Industriais de Leiria e de Alcantara, pois os seus alumnos do 1.º ano de desenho — 3.ª turma — da mencionada Escola Machado de Castro, na maioria operarios, em vista do excelente resultado obtido pela sua muita applicação, no fim

do ano lectivo de 1912 a 1913, em que foram classificados distinctos 14 d'elles, resolveram quotisarem-se e tirar um grupo fotografico convidando o seu professor a retratar-se conjunctamente entre elles.

«Mala da Europa»

Com o n.º 914 de 22 do corrente, completou este semanario o seu xix ano de existencia e, diga-se em abono da verdade, sempre mantendo-se na mesma linha, com que foi inaugurado pelo seu director e proprietario, o nosso presado amigo sr. José de Mello.

Mais ainda. Progredindo sempre, quer nas suas secções noticiosas e literarias, quer no seu aspeto material, sendo indubitavelmente a folha mais noticiosa e interessante que, de Lisboa, leva todas as semanas o relato dos acontecimentos da nossa terra á colonia portuguesa no Brasil, a que mais especialmente é dedicada.

Daqui felicitamos o nosso bom colega pelo seu xix aniversario, desejando-lhe todas as prosperidades e largos anos de vida.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Novidades Literarias

- Contos e Digressões**, por Caetano Alberto, 1 vol. illustrado e cartonado com linda capa completa novidade..... 500
- Casa Submarina**, por M. Pemberton, romance no genero de Julio Verne, Vol. illustrado e com capa a cores..... 300

Na Empresa do Occidente e nas principaes livrarias

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Na capas para todos os anos, eguaes na cor para colecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Unico legalmente autorizado pelos governos e autoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenas dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescencia de todas as doencas* e sempre que é preciso *levantar as forças*. É muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A venda nas pharmacias.